

TÚLIO GARIGLIO

ROCK N'ROLL NAS LADEIRAS

Uma história do cenário do rock em Ouro Preto
no final dos anos 90 e início dos anos 2000

ROCK N'ROLL NAS LADEIRAS

Uma história do cenário do rock em Ouro Preto
no final dos anos 90 e início dos anos 2000

*A todos aqueles que lutam e lutaram pela cena
do rock independente em Ouro Preto, dedico
este livro-reportagem.*

SUMÁRIO

| | | |
|----------|-------------------------------------------------------|-----------|
| 1 | Introdução | 11 |
| 2 | Rá - Tá - Tá - A chama no fim do milênio | 14 |
| 3 | Os cães ladram | 28 |
| 4 | Novo Milênio | 45 |

INTRODUÇÃO

A história do rock começa muitos anos atrás. Remonta à época em que os primeiros negros eram deslocados da África para a América, trazendo consigo influências musicais e misturando-as aos ritmos já existentes no novo continente. A partir daí surgiu o *blues*, que mais tarde também sofreria alterações nas novas terras e daria origem ao rock – que, por sua vez, também daria origem a outras vertentes.

O rock surgiu, assim, de uma mistura, e no seu início foi marcado por (pré) conceitos e definido como um elemento “subversivo”. Isso porque seu surgimento está ligado a grupos marginalizados na época – os negros, principalmente. E foi somente a partir de seu desenvolvimento e da apropriação desse som pela cultura branca é que veio reconhecimento. Foi então que o rock chegou às paradas de sucesso, atraindo os mais variados públicos.

Esse livro trata do rock na cidade de Ouro Preto, mais especificamente no final dos anos 90 e início dos anos 2000. O livro conta como o movimento se deu na região nesse período e fala dos lugares mais frequentados pelos adeptos do estilo, além de contar a história de três bandas específicas, que tiveram muita influência nos cenários da época: Os *Dead Dogs*, mais tarde Cachorros Mortos, a Covil, e a Dash, mais tarde, Desh. Também

será retratado o surgimento, a ascensão, e o fim precoce do *Ratá-tá*, um dos locais que mais marcaram a vida noturna do município e o movimento do rock na cidade.

Há, nessas histórias, alguns nomes incompletos e algumas datas perdidas, inexatas – o que se dá devido à falta de registros sobre pessoas e acontecimentos aqui relatados. O livro arrisca e aposta na oralidade. A maior parte dos dados resulta de entrevistas com pessoas que viveram aqueles momentos, mas nem sempre se recordam de todos os detalhes. É importante destacar que existem poucos registros físicos sobre o movimento do rock daquela época em Ouro Preto – em especial sobre a vida noturna e sobre todas as bandas independentes. Alguns poucos *flyers*, fotos, cartazes de divulgação e outros materiais foram encontrados – e ilustram esta obra. Trata-se de um material importante não só para os adeptos do movimento em si, mas para a memória da cidade que, na época, vivia tempos muito diferentes: passava pela redemocratização e passaria a conviver, na sequência, com as ideias neoliberais e a emergência de novas juventudes.

Contudo, o mais interessante é poder relatar os fatos a partir das memórias e dos sentimentos daqueles que de fato viveram aqueles momentos, testemunhando vários episódios aqui relatados. Bandas de garagem que agitaram as noites e levaram a cena independente da cidade a outro nível merecem ter sua história contada e registrada. Infelizmente, nem todas puderam ser contempladas com profundidade, mas é certo que o legado deixado por todas elas compõem as cenas revividas nesse livro. Além da Prosh, Dead Dogs, A.S.R, Desh e Covil, há ainda o De-

fecantes, Restos de Lixo, Selvagens, Final Trágico, L.O.D, Mottim, EsperMatôZoide, Lords of Darkness, Parto Social, Tijolo, Barrabáz, Vulgo Zé e PornoShiva – para dizer apenas de algumas das bandas mais conhecidas e construtoras dessas cenas.

Por fim, espero que os registros feitos nesse trabalho possam jogar alguma luz sobre o que foi o movimento do rock em Ouro Preto no final do século XX. Espero também que eles proporcionem boa nostalgia àqueles e àquelas que participaram de tudo – e possibilitem aos mais jovens sentir um gostinho do que foi aquele tempo. Nele, poucas pessoas possuíam celulares e câmeras. Era preciso se virar para fazer e ver tudo acontecer.

Desejo a todos uma boa viagem no tempo

Rá-Tá-Tá

A chama no fim do milênio

SURGINDO NO INVERNO

Ouro Preto, antiga Vila Rica, cidade famosa, encravada literalmente no meio das montanhas de Minas Gerais, carregada de história, de luta, sofrimento, e revolução. Primeira cidade brasileira considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, produz em quem a visita um fascínio que só estando nela e andando por suas ruas de pedra para saber. Cada rua estreita guarda muitos segredos, carregando a energia de um passado longínquo e permeado de acontecimentos marcantes. Quando a noite cai, não faltam lugares para se ter uma bela vista das casinhas antigas iluminadas e das estrelas que se espalham no céu. O imponente Pico do Itacolomi, que compõe a Cordilheira da Serra do Espinhaço, se destaca na paisagem. A cadeia de montanhas, que atrai aventureiros de todo país e do mundo, pode ser vista tanto de Ouro Preto como do município vizinho, Mariana. Tudo isso se une para criar uma atmosfera que não existe em nenhum outro lugar.

Há 23 anos, mais precisamente no dia 28 de junho de 1996, abria as portas, na cidade, a casa de shows *Rá-Tá-Tá*, no coração do centro histórico, muito próximo da Praça Tiradentes. A ideia foi de Júlio de Paula, seu irmão Marquinhos de Paula, e seus ami-

gos Sérgio Sanches e Roger Gomes. O lugar foi pensado com o intuito de sacudir o Festival de Inverno da UFMG, a Universidade Federal de Minas Gerais, que até então ocorria em Ouro Preto. A ideia dos proprietários, naquela época, era que a casa de shows funcionasse por apenas um mês, o tempo de duração do festival. Eles mal sabiam que o lugar funcionaria ininterruptamente por um ano e dois meses, todos os dias da semana.

Depois daquele dia 28 de junho, a boemia ouro-pretana viveria uma época única, regada a muita música, intervenções artísticas e, acima de tudo, muita alegria, fugindo dos moldes da sociedade tradicional da cidade. Através do *Rá-Tá-Tá*, mostrava que a cultura *underground* ainda estava viva.

Os irmãos Júlio e Marquinhos de Paula, ouro-pretanos de nascença, já carregavam na bagagem a experiência de administrar alguns bares e clubes na cidade, mas o *Rá-Tá-Tá* seria diferente de tudo aquilo com que tinham trabalhado. O espaço não era grande. Com cerca de 500m², era o típico “inferninho”, gíria usada para designar locais com pouco espaço, que realizam eventos com bandas para muitas pessoas. Ali funcionou, no passado – anos 60 – uma padaria. O lugar estava desativado há 30 anos quando foi reestruturado pelos quatro garotos loucos para criar algo que, digamos, era “diferente” naquela cidade. Em apenas uma semana, a parte elétrica e hidráulica foi refeita, o lixo e a terra acumulados foram retirados, e um tablado de cimento que abrigava a fornalha da antiga padaria virou palco. Estava armado e pronto para a ação um dos locais mais icônicos da cena *underground* de Ouro Preto.

A casa contava com um esquema de segurança reforçado, com seguranças na porta para controlar entrada e a saída dos clientes. Havia ainda um segurança no banheiro, que ficava na área externa. Os fundos do *Rá-Tá-Tá* davam para o CAEM, o Centro Acadêmico da Escola de Minas, onde também eram realizados eventos para o público universitário e local. Isso fez com que se tornassem comum a invasão de frequentadores do CAEM no local durante a noite – já que a noite não tinha fim na casa de shows. A agitação se estendia até que os primeiros raios de sol iluminassem a cidade. Essas invasões não raras vezes resultavam na expulsão dos bêbados que tentavam entrar sem pagar.

A segurança reforçada proibia o consumo de drogas dentro do local, mas o nome era um chamado para os malucos de plantão, já que, na época, *Rá-Tá-Tá* era uma gíria que remetia à cocaína no Rio de Janeiro. O nome em si, como se pode ver, já demonstrava o caráter libertário da casa de shows, que buscou realmente romper com os padrões conservadores da Ouro Preto da época.

A organização da casa mantinha uma linha bem definida. Lá dentro, cada um dos proprietários tinha uma função que devia cumprir à risca. Marquinhos de Paula administrava as bebidas e a parte do som. Sérgio Sanchez era o responsável pela divulgação das artes e dos cartazes, junto com Roger. A portaria e as questões financeiras ficavam a cargo de Júlio.

Dentro do casa de shows, como contava, naquela época, uma matéria do jornal Folha de S. Paulo, “o real não valia nada”.

Por que? Ora, porque dentro do local os proprietários criaram sua própria moeda e seu próprio esquema de câmbio. Os rá-tá-tá's eram a moeda em vigor. Esse tipo de "ficha" era o dinheiro dentro da casa. Ao chegar, as pessoas deveriam trocar seus reais por rá-tá-tá's, que consistiam em notas de 5, 2, 1 e 0,50. Cada nota estampava o rosto de um dos fundadores. Para definir qual fundador iria aparecer em cada nota, houve um sorteio. Roger, que brincou dizendo que queria estampar a nota mais alta, ironicamente acabou caindo na de 0,50. Marquinhos caiu na de 2, Sérgio Sanches ficou com o trunfo da de 5, e Júlio ficou com a de 1. Mas como tudo ali era diferente, não foi a nota maior que fez mais sucesso, e sim a de 1 rá-tá-tá. Era essa que todos queriam levar de lembrança para casa, fazendo, inclusive, com que ela tivesse que ser produzida em maior quantidade.

Fatos curiosos envolveram essa moeda peculiar. Os donos da casa tiveram dor de cabeça, por exemplo, quando traficantes dos morros de Ouro Preto passaram a receber rá-tá-tá's como pagamento. Certa vez, houve até um roubo de rá-tá-tá's na casa. Para resolver o caso, os proprietários passaram a assinar toda a nova leva que chegou depois. O intuito era pegar o ladrão que apresentasse a nota sem assinatura. Dito e feito. Pouco tempo depois, os responsáveis foram pegos. Outros roubos ocorreram, mas nem sempre o prejuízo pôde ser recuperado. Houve também um episódio em que os ladrões entraram pelo acesso do CAEM, aos fundos. Levaram equipamentos de som, bebidas e CDs que ficavam disponíveis para aluguel. Esse material nunca foi recuperado.

O ANO DE OURO

Provavelmente era o único espaço na cidade que funcionava todos os dias da semana e durava até o raiar do dia. Além disso, o espaço era aberto para todos os tipos de pessoas, de música e de arte, o que fez com que se tornasse um grande palco para artistas e bandas independentes mostrarem seu trabalho sem se preocupar com os padrões impostos pela sociedade.

Era uma época diferente na história do país. Como dizia Júlio de Paula - um dos fundadores entrevistados -, com R\$20,00 no bolso uma pessoa podia passar muito bem a noite e até a manhã no *Rá-Tá-Tá*. A entrada variava de R\$5,00 a R\$10,00, e uma garrafa de cerveja saía pelo incrível preço de R\$2,50.

Proprietários de bares famosos de Ouro Preto, como o Barroco, fechavam seus bares a certa hora para curtir a noite na casa de shows, o que mostra a influência que o novo local exercia na vida noturna da cidade. Outro episódio curioso, lembrado pelos proprietários, foi quando uma banda de baila, conhecida na região, chamada *Lex Luthor*, teve seu show cancelado no CAEM e sem pensar duas vezes bateram nas portas do *Rá-Tá-Tá* para oferecer sua música. No entanto, a casa de shows não suportava nem metade da estrutura da banda, o que inviabilizou a apresentação.

Bandas de rock independentes de Ouro Preto, Belo Horizonte, e toda a região tiveram ali a primeira oportunidade de se apresentarem para o público. Mr. Joker, banda de garagem formada na Vila dos Engenheiros – que viria a ser conhecida em Ouro Preto alguns anos mais tarde com o nome de Maraku-

gina – começou ali sua trajetória, quando os integrantes eram apenas adolescentes com o sonho de ver sua banda crescer. Outro grupo, o *Dead Dogs*, de que também se falará nesse livro, foi, igualmente, uma das bandas de garagem ouro-pretanas que começaram ali sua trajetória, com os integrantes também ainda adolescentes.

Apesar de aqui falarmos especificamente da contribuição da casa de shows para o cenário do rock na cidade, é preciso destacar que o local nunca se fechou em um único estilo de música, nem se limitou às apresentações musicais. Performances de teatro, dança, exposições artísticas e até shows eróticos eram comuns e muito bem-vindos. Esse fato interessante mostra que a maior contribuição do *Rá-Tá-Tá* para a cena do rock nos anos 90 na cidade se alargou. Criou-se um movimento que conseguia unir toda a boemia da cidade, quase sempre independentemente do que estava tocando. A atmosfera ali era rock n’roll por si só – seja pelo estilo arquitetônico do espaço, seja pela liberdade criada ali pelos proprietários.

Ainda que tenha durado pouco mais de um ano, o que ocorreu ali impulsionou a formação de bandas na cidade e um desejo de liberdade – uma vontade de nadar contra a corrente. Os fundadores da casa confirmam, com orgulho, que ali tocou todo tipo de música, “menos música gospel”. Todo o resto – ritmos como o axé, punk, blues, salsa, hard rock e forró – estiveram presentes. O esquema para tocar lá era o de “chegar e tocar”. Ou seja, quase nunca os proprietários pagavam em dinheiro as apresentações. A fama do local chegou a tal ponto que todas as bandas da cidade, e também as que vinham de fora, queriam

tocar ali simplesmente para poder dizer que um dia se apresentaram no *Rá-Tá-Tá*. Era comum ver ali bandas de extrema qualidade – várias em passagem por Ouro Preto. Havia aquelas que tocavam em alguma república estudantil e acabavam se apresentando ali em uma segunda-feira. iam apenas para tocar e acabavam ficando mais de um mês na cidade. Conseqüentemente, tornavam-se clientes.

Houve também aqueles artistas famosos e notórios na região que deram as caras ali. Alguns exemplos são Samuel Rosa, vocalista da aclamada banda mineira Skank, e Rogério Flausino, vocalista do Jota Quest. Há também alguns dos integrantes do Tianastácia e do Pato Fu. Outro exemplo é Toninho Horta, integrante do lendário Clube da Esquina, também um frequentador assíduo do local, ainda que nunca tenha tocado na casa. Ia apenas para se divertir e curtir aquela atmosfera.

Um episódio envolvendo uma banda, e que é lembrado com orgulho e carinho pelos proprietários, foi a apresentação da banda de rock feminina *Boys Stuff* em uma sexta-feira de julho, no festival de inverno, logo no início da trajetória da casa de shows. Composta por quatro integrantes, todas mulheres, a banda foi um marco no cenário de Ouro Preto – considerando que as bandas de rock locais e as que vinham de fora eram compostas apenas por integrantes masculinos. As roqueiras vieram preparadas com cartazes de divulgação de mais de quatro metros, que foram espalhados na cidade pelos proprietários e chamaram muita atenção da população, que compareceu em peso. Na noite da apresentação, a banda tinha apenas dez músicas em seu repertório, o que não impediu que o público pedisse bis.

Isso fez com que as mesmas dez músicas fossem repetidas mais de três vezes cada. A *Boys Stuff* tinha como uma das integrantes a baixista e cantora Anna Luiza Ly, artista e multi-instrumentalista que alcançou grande projeção nacional e internacional. Ela seguiu carreira solo após alguns anos e gravou dois CD's. Também realizou diversos shows no final dos anos 90 e início dos 2000. Há quem diga que certas coisas só acontecem em Ouro Preto, e Anna Lee, nome artístico adotado por ela, pôde sentir isso na pele. No dia da apresentação da banda no *Rá-Tá-Tá*, Futeco – figura folclórica da cidade na época, que andava apenas com camisas do Cruzeiro e repetia para todos na rua o seu bordão “vai morrer” – não perdeu a oportunidade de lançar sua frase de efeito para a cantora. Aterrorizada, ela quase cancelou a apresentação sob o argumento de que um homem “queria matá-la”. Foi preciso que os donos explicassem que Futeco dizia isso para todas as pessoas, com o intuito de assustá-las.

Outra artista conhecida no cenário musical brasileiro, e que deu as caras no recinto, foi Júnia Lambert, famosa por cantar a música “Limusine grana suja”, tema da novela “Cara ou Coroa”, da Rede Globo. Ela se apresentou em uma segunda-feira, logo após ter aparecido no programa da Globo “Fantástico”, no domingo. Chegou, inclusive, procurando um camarim, que obviamente, não existia.

As apresentações artísticas e culturais que ocorriam lá – para além da música – também marcaram época. A casa recebia muitas pessoas da capital mineira, Belo Horizonte, vindas principalmente da UFMG. Trouxeram muitas novidades nunca vistas antes no município. Aliado a isso, a casa dava oportunidade aos

artistas locais talentosos, que nem sempre recebiam a devida atenção. Ali, podiam mostrar seu trabalho.

O artista plástico ouro-pretano João de Azevedo, por exemplo, colocou, em certa ocasião, cerca de 20 pessoas deitadas no palco e usou suas silhuetas para fabricar esculturas de gesso, que no dia seguinte foram expostas nas paredes da casa. Outro episódio diz respeito a um casal de dançarinos de Belo Horizonte, que se apresentou com uma coreografia africana Zulu, marco cultural das tribos Zulus, da África do Sul. Na ocasião, os proprietários lembram que o preço para contratar o casal foi muito alto, mas que o investimento valeu a pena. Esgotaram-se os ingressos. Afinal, aquilo era algo que ninguém havia visto antes na região.

Performances teatrais também aconteciam nos intervalos entre as apresentações das bandas. O palco era aberto para quem quisesse se apresentar. Artistas ou clientes comuns subiam nas mesas e no palco nessas ocasiões e cantavam. Alguns recitavam poesia, ou simplesmente andavam pelo palco, dizendo o que vinha à cabeça. Júlio lembra, inclusive, de uma ocasião em que a casa estava lotada e, de repente, saiu da cozinha uma mulher completamente nua, munida de um creme de barbear que espalhava pelos rostos dos clientes. Noites de *strip-tease* também eram comuns – o que, para a época, era uma afronta à família tradicional ouro-pretana.

A animação dos proprietários também fazia a diferença. Noites temáticas eram comuns, como a noite portuguesa ou a noite espanhola. Nessas ocasiões, as paredes do local eram pin-

tadas de acordo com o tema. Foi assim durante um ano e dois meses exatamente. Muita música, cultura, arte, e histórias que ficarão na memória de toda uma geração. Mas diante da loucura que foi esse tempo, seria ingenuidade esperar que o *Rá-tá-tá* se encerrasse de forma “normal”.

O FIM

No dia de seu encerramento, os proprietários resolveram fazer um festival de *hardocre*. Este tipo de evento se baseia na apresentação de bandas de rock que seguem este estilo derivado do *punk rock*, marcado pela agressividade e a emoção sonora. Nada menos que 12 bandas *punk* de Belo Horizonte e de Ouro Preto foram se apresentar ali. Os integrantes do *Dead Dogs*, que haviam participado do festival, recrutaram os grupos para o palco. Logo no início, durante a apresentação da primeira banda, um rapaz caiu e cortou a testa, recusando-se a receber ajuda depois da queda. Os ânimos foram se exaltando com o público eufórico nas tradicionais rodas de *mosh*, uma dança em que as pessoas formam rodas, pulam e trocam empurrões. Cadeiras começaram a voar e mesas foram partidas. O resultado foi o cancelamento do festival já na apresentação da terceira banda, quando a polícia entrou no local para colocar todos para fora. Após esse caótico “show” de encerramento, a casa fechou as portas de vez, e o espaço foi arrendado para outros donos, que ali abriram uma danceteria. O novo local não vingou, e sempre seria conhecido como “o antigo *Rá-Tá-Tá*”.

É verdade que a música era o marco principal daquele lu-

gar. Mas estar aberto para outras performances artísticas e culturais – tudo o que viesse – foi o seu trunfo. Ali as coisas nunca foram só pelo som em si, mas pela atmosfera criada a partir de diferentes estilos e de pessoas que coexistiam ali. Os frequentadores se divertiam em um ambiente que fugia dos padrões convencionais. Assim como o rock, que teve seu surgimento associado ao subversivo – e que, por muito tempo, foi considerado algo fora das normas vigentes – o *Rá-Tá-Tá* surgiu em Ouro Preto afrontando as regras da sociedade conservadora. Mas também como o rock, o local acabou conquistando todos. Com o tempo, aquele espaço passou a ser dividido por músicos, políticos, estudantes, ouro-pretanos e pessoas de várias cidades do Brasil – até um padre, ainda que de forma discreta, como lembrou Júlio, entre risos.

Esse espírito de comunidade, de união e quebra de padrões foi um marco para uma geração inteira, que até hoje se lembra do *Rá-Tá-Tá* com nostalgia. Como Marquinhos de Paula deixa claro, com um sorriso de saudade no rosto: “Acho que valeu tudo a pena, foi o melhor rock n’roll da minha fase jovem, dos 20 aos 30 anos. Eu tinha uns 25, 26 anos. Júlio uns 25 também. A gente curtiu de tudo dentro do bar: show, arte, música.”



Entrada da Casa de Shows Rá-Tá - Tá



Espaço da antiga padaria - antes da reforma



Espaço da antiga padaria antes da reforma



Os quatro fundadores da Casa de Shows

rÁ-tÁ-tÁ

STREP-SHOW

Apresenta

**Homens e mulheres
numa
Putas e Casta
Sexta-sexy**

15/12 - 23 horas



Pça. Tiradentes s/n - O.P. - (Saída para Mariana)

Antigo flyer de divulgação

rÁ-tÁ-tÁ

14 - sexta-feira
ÍCAROS

15 - sábado
PRIMAVERA DE PRAGA

16 - domingo
FEIJÃO DE CORDA

PAN-ART

APOIO: PAN-ART

SHOW

Pça. Tiradentes s/n - O.P. - (Saída para Mariana)

Antigo flyer de divulgação

rÁ-tÁ-tÁ

SHOW

06/09 - quarta-feira
Mr. Joker

07/09 - quinta-feira
Marcone Froes e Banda

08/09 - sexta-feira
**Show Erótico
Mulheres à Beira de um
Strep-tease**

09/09 - sábado
Incrível Rúcula

Apoio: Restaurante Boca da Mina
Bebidas Center

Pça. Tiradentes s/n - O.P. - (Saída para Mariana)

Antigo flyer de divulgação

Os cães ladram

DEAD DOGS

O ano era 1993, e a cidade de Ouro Preto vivia a euforia da volta do festival de inverno da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que não ocorria na antiga Vila Rica há 14 anos. O Festival de Inverno da UFMG teve sua origem com o Festival de Ouro Preto, que ocorreu pela primeira vez em 1955, e voltou a trazer arte, cultura e música para a cidade no ano de 1966. No ano seguinte, 1967, o Governo do Estado transferiu o festival para a UFMG, dando origem ao Festival de Inverno de Ouro Preto, evento que costumava durar um mês, contribuindo para uma imensa projeção da cidade no circuito cultural do país, com música, cultura e oficinas de arte.

Em 1979, estabeleceu-se a itinerância do Festival, que passaria a ocorrer em uma cidade diferente a cada ano. Somente 14 anos depois o evento voltaria a acontecer em Ouro Preto, na sua 25ª edição. Naquele ano, o jornalista Ângelo Oswaldo era o prefeito da cidade e, junto com a população, comemorou com entusiasmo a volta do Festival.

Neste mesmo ano de 1993, no coração do centro histórico de Ouro Preto, mais precisamente em uma casa situada na Rua dos Paulistas, um grupo de garotos adolescentes iniciava a trajetória de uma banda de rock que marcaria época na cidade

para os adeptos do movimento do *rock n'roll*. O *Dead Dogs*, que posteriormente passaria a se chamar Cachorros Mortos, começou ali, na casa do pai do vocalista Bruno Bastos, assim como começam a maior parte das ditas “bandas de garagem”. Com Bruno Bastos no vocal, Arthur Henrique no baixo, Eduardo Maia na bateria e Vanderson na guitarra, todos eram amigos de infância ou se conheciam das redondezas de Ouro Preto. O que os unia era o fato de que estavam aprendendo a tocar. Os ensaios na Rua dos Paulistas eram rituais que não abrangiam só a música em si, mas sim uma ideologia, uma vontade de ser visto, de mostrar para a cidade conservadora que o rock podia chegar até ali.

Assim como ocorreu com os Ramones – grupo que, aliás, influenciou a banda em seu início –, a amizade e a proximidade geográfica entre os integrantes foram essenciais para o surgimento e desenvolvimento do grupo. A famosa banda estadunidense, considerada a fundadora do gênero do *punk rock*, nasceu no distrito do Queens, em Nova Iorque, no longínquo ano de 1974. Os *Dead Dogs* surgiram na região central da antiga Vila Rica. Em ambas as bandas, os integrantes eram amigos de adolescência. Formavam, na época, uma minoria que compartilhava o mesmo gosto musical e realizava os ensaios em locais improvisados.

Movidos pela vontade de tocar o que ouviam e exaltar aqueles que eram seus ídolos na época, o grupo começou trabalhando com *covers* de bandas famosas de rock, como *Black Sabbath*, *The Rolling Stones*, *Ramones* e *Nirvana*. Buscavam encontrar seu espaço no cenário musical de Ouro Preto, cidade histórica e tradicional, na época ainda carente de bandas deste estilo. Em 1994, um ano após o seu início, tiveram a oportunidade de se apresentar em seu primeiro show. Curiosamente, o grupo, formado por garotos fãs de *rock n'roll* e sedentos por alavancar o movimento na cidade, tocou pela primeira vez abrindo o show para uma banda de pagode chamada Apocalipse. A apresentação ocorreu no Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), na Praça Tiradentes. O CAEM era o local ideal para este pontapé inicial, já que era frequentado por um público variado. Além disso, seu espaço reduzido, todo preenchido pela fumaça de cigarros e por pessoas portando copos de catuaba, bebida de forte teor alcoólico, promovia um clima digno das casas de show em que famosas bandas de rock também começaram.

Esta foi a única apresentação da banda com o guitarrista Vanderson, logo substituído por Alex, morador do distrito da Chapada e já conhecido dos outros integrantes. A Chapada é um vilarejo muito próximo ao distrito ouro-pretano de Lavras Novas, com clima rústico e rural, consistindo em apenas uma rua de terra batida, com algumas casinhas e uma bela igreja, bem característica dos pequenos vilarejos mineiros. A vila é rodeada pela imponente Serra do Trovão e possui diversas cachoeiras de fácil acesso.

O pai de Alex era dono do Bar das Cobras, localizado no próprio vilarejo. Autodidata, o guitarrista já tinha bom conhecimento do instrumento e agregou muito à banda. Com a entrada de Alex, o grupo passou a fazer mais shows pela cidade, ainda que tocando somente *covers*.

Foi também neste ano que se apresentaram no clube OPTC, em Ouro Preto. O clube, que ainda está em funcionamento, é um espaço de lazer para sócios, localizado próximo ao bairro da Barra. Nele também há um espaço para eventos particulares, não muito grande. A apresentação foi junto à banda de rock belo-horizontina Concreto, que, na época, ainda emergia no cenário musical. A banda Concreto foi fundada em 1994 e continua ativa nos dias atuais, apresentando-se com frequência na capital mineira e em diversas outras cidades do Brasil.

A cena do rock de Ouro Preto, nesta época, já era marcada pelo início de alguns grupos que, assim como os *Dead Dogs*, iniciariam o que viria ser o ápice do cenário, do início a metade dos anos 2000. Bandas como Prosh e A.S.R, que seguiam a linha do *punk rock* e faziam shows com músicas autorais misturadas com *covers*, apresentavam-se frequentemente na cidade. Era em pequenos eventos que atraíam os adeptos do rock. Na época, cartazes feitos a mão e *fanzines* circulavam entre os adeptos do movimento. Isso divulgava shows e festivais, ao mesmo tempo que levava arte e cultura para as ruas. Não era divulgado só o trabalho das bandas, mas também de desenhistas e outros artistas independentes, todos unidos em um único cenário. Era comum a confecção de cartazes de shows a mão pelos próprios integrantes dos grupos musicais e por seus amigos durante as

aulas na escola, assim como sua distribuição pela cidade. Percorrer as ruas sinuosas de Ouro Preto, com suas ladeiras, mirantes, bares e casarões; distribuindo os cartazes, era a melhor forma encontrada pelos roqueiros para atrair mais jovens como eles e fortalecer o movimento. Em uma época em que celulares e internet ainda não eram uma realidade, o jeito era improvisar e usar a criatividade.

Os *Dead Dogs* seguiram seu ritmo de shows em pequenos eventos locais nos três anos seguintes. Eram fiéis à ideia de manter a chama do rock acessa na cidade. Até que, em 1997, a banda entra em hiato (termo usado quando uma banda encerra suas atividades por um período de tempo indeterminado) com a saída do guitarrista Alex e do baixista Arthur, que seguiram outros rumos em Belo Horizonte.

Dois anos depois, Bruno Bueno passa a integrar a banda, assumindo o posto de guitarrista, apesar de ser, oficialmente, baterista. A vontade de tocar era maior do que os problemas encontrados, e as trocas de posições dentro da banda eram uma alternativa para mantê-la em movimento. Com Bruno Bueno na guitarra, a banda fez alguns shows no espaço do antigo bar *Rá-Tá-Tá*. Agora, fugindo do clima underground anterior, havia se tornado uma danceteria popular, com um foco maior em eventos de forró e músicas que fugiam do estilo *rock n'roll*. Mas a antiga formação não demorou a ser retomada. Nesse mesmo ano a banda contaria com a volta do guitarrista Alex e do baixista Arthur, consolidando assim a formação clássica: Bruno no vocal, Alex na guitarra, Eduardo na bateria e Arthur no baixo.

A volta dos antigos companheiros trouxe novamente o velho fervor. Passaram a tocar constantemente no espaço do antigo *Rá-Tá-Tá*, após um acordo com os novos arrendatários do local, que liberavam o espaço para eventos específicos de rock todas as sextas-feiras, lucrando com o bar enquanto a banda lucrava com a portaria. Os equipamentos eram carregados, pelos próprios integrantes, da casa do vocalista Bruno até o local. As ladeiras características da Rua dos Paulistas não eram obstáculo para os garotos, que só queriam fazer um som. Caixa de som nas costas, equipamento de som usado nos ensaios, algumas ladeiras até o local, e *rock n'roll* na caixa! Por lá passaram bandas de Mariana, Belo Horizonte, e outros locais da região. Todas eram recrutadas pelos *Dead Dogs*.

Para desenvolver um projeto paralelo na banda punk A.S.R, que já produzia sons de protesto autorais, Arthur resolveu deixar o *Dead Dogs* no mesmo ano tão marcado por mudanças, 1999. Mas a sorte resolveu bater na porta da banda quando o guitarrista Edson Zacca chegou em Ouro Preto na mesma época, vindo de Uberaba, e com a ideia de não se envolver mais com bandas por um tempo. Ele havia deixado outro grupo, a banda do Triângulo Mineiro, Seu Juvenal. Um dia assistiu a um show dos *Dead Dogs* e curtiu o som. A notícia se espalhou e chegou aos ouvidos de Bruno. A procura de um baixista, ele não perdeu a chance de ir atrás de Zacca para recrutá-lo para a matilha. Por coincidência ou ironia do destino, como diriam alguns, Zacca estava morando em uma república de estudantes de filosofia, muito perto da casa da família de Bruno. O contato, assim, foi fácil.

- Tô precisando de um baixista pra minha banda cara, quer entrar nessa?

- Cara, eu sou guitarrista, não tenho baixo, não tem como.

- Isso não é problema, o Arthur ensaia com a A.S.R na casa do meu pai, ele te empresta o baixo dele.

E foi simples assim, desse jeito improvisado, que o originalmente guitarrista Edson Zacca, conhecido apenas como Zacca, passou a ser o novo baixista dos *Dead Dogs*. Nessa época várias bandas ensaiavam em um pequeno quarto na casa do pai de Bruno, na Rua dos Paulistas, o que facilitava o contato entre os adeptos do movimento e possibilitava improvisações como essa. Neste pequeno quarto, entre as cervejas tomadas às escondidas e muita troca de ideias, foram vários os acontecimentos e imagens que moldaram o cenário da época.

LATINDO MAIS ALTO

Nessa época a banda já contava com Alejandro na guitarra base, dando apoio ao guitarrista Alex. Com a entrada de Zacca, que já havia passado por várias bandas em Uberaba e carregava bastante experiência na bagagem, o grupo começou a compor suas próprias canções. Ele foi o autor das primeiras músicas, mas Alejandro e Alex também compunham, e a troca de ideias entre os integrantes nas gravações deu origem a novas composições. Isso os levou a buscar a gravação de uma demo – algo comum naquele tempo. As fitas demo são demonstrações musicais gravadas de forma independente, normalmente con-

tendo cerca de três músicas, sem vínculos com gravadoras, que podem dar origem a um disco completo no futuro.

Foi no espaço do Cine Clube Passagem, na cidade de Mariana, que aconteceu a primeira gravação da banda ao vivo, sem público. O que se tornou o primeiro registro ficou, nas palavras do vocalista Bruno, “bem tosco”. Mas foi o que deu o impulso necessário a novas composições. O grupo resolveu se aventurar, então, em um estúdio de Belo Horizonte, conhecido, na época, por “Estúdio do Zé Baleia”. A ideia era gravar três composições. Todos os integrantes haviam embarcado por conta própria em um ônibus de Ouro Preto para a capital, animados com a gravação – que se revelaria um sucesso depois de algumas cervejas e muita troca de ideias.

A nova demo continha três músicas: a primeira era “Vira Lata Zumbi”, uma reflexão nervosa sobre o cotidiano desregrado do jovem roqueiro da época – composição marcada pelo refrão “Dead Dogs!, Dead Dogs!”, que marca a identidade da banda. Em seguida está “Demônio Santo”, composta por Zacca, que versa sobre a vida do lendário cangaceiro Lampião e que aborda a dualidade da sua figura, não raras vezes associada à violência. “Maldito 21 de abril”, música escrita por Bruno e Zacca, é a terceira – e reflete sobre as polêmicas do feriado de 21 de abril da cidade de Ouro Preto. A letra rememora uma das celebrações – a do ano 2000, marcada por muita confusão e repressão policial no município. Os versos raivosos e indignados davam o recado às autoridades públicas e aos moradores: “Sitiam Ouro Preto pra comemorar a liberdade / Sitiam Ouro Preto! / Maldito 21 de abril!”. A música acabaria tornando-se

um marco da geração do rock ouro-pretana da época.

Foi no espaço do Cine Clube Passagem, na cidade de Mariana, que aconteceu a primeira gravação da banda ao vivo, sem público. O que se tornou o primeiro registro ficou, nas palavras do vocalista Bruno, “bem tosco”. Mas foi o que deu o impulso necessário a novas composições. O grupo resolveu se aventurar, então, em um estúdio de Belo Horizonte, conhecido, na época, por “Estúdio do Zé Baleia”. A ideia era gravar três composições. Todos os integrantes haviam embarcado por conta própria em uma van alugada, de Ouro Preto para a capital, animados com a gravação – que se revelaria um sucesso depois de algumas cervejas e muita troca de ideias.

Os Cachorros Mortos não precisaram realizar grandes gravações nem obter destaque na mídia para marcar o movimento cultural da cidade. As apresentações em pequenos espaços, tantas vezes improvisadas das formas mais absurdas, fizeram com que adquirissem uma identidade pessoal marcada pela contracultura, a rebeldia, e espírito de liberdade que todo fã de *rock n’roll* busca.

Alguns dos locais populares de Ouro Preto e da região em que a banda se apresentou foram o CAEM (Centro Acadêmico da Escola de Minas) e o atual Brumas Hostel, onde aconteciam os chamados “Heavy Fests”. Eram eventos com bandas de rock organizados por Marquinhos de Paula, ouro-pretano e um dos fundadores do clube *Rá-Tá-Tá*, no final dos anos 90, como dito no capítulo anterior. Foi no CAEM, aliás, que se deu um episódio peculiar na história da banda, relacionado aos desentendimen-

tos que, vez ou outra, se davam com os organizadores sobre os horários das apresentações – uma vez que as bandas de Belo Horizonte costumavam ser privilegiadas nesse quesito, em detrimento dos grupos locais. Assim é que, no Heavy Fest do ano 2000, a banda bateu de frente com a organização. O CAEM estava vazio, a não ser pelos amigos e as namoradas dos integrantes que transitavam pelo lugar. Ainda assim, a banda quis tocar, mas não havia nenhum dos organizadores do evento no local no momento da apresentação. Os porteiros, então, desligaram a chave de energia do local no meio do show, com o intuito de interrompê-lo. Houve discussão e revolta diante daquilo que o grupo considerou falta de profissionalismo. O fato de algumas pessoas já estarem sob o efeito do álcool não ajudou. Um dos microfones chegou a ser jogado do palco pelo vocalista Bruno, como forma de protesto. O evento seria lembrado algum tempo mais tarde. O cartaz de divulgação de um show dos *Dead Dogs*, junto com a banda punk A.S.R, que aconteceu no espaço do antigo bar *Rá-Tá-Tá*, trouxe a seguinte frase: “O show que o Heavy Fest boicotou: A.S.R e *Dead Dogs*”.

A banda prosseguiu investindo em algumas composições autorais. A canção “Via Láctea” entraria na primeira demo, mas acabou ficando de fora. Acabou introduzida, anos mais tarde, no repertório da banda em que Bruno passaria a cantar, Seu Juvenal. A letra fala sobre Sebastião Nunes, escritor, artista gráfico e poeta underground de Minas Gerais. “Gente Insana” e “Até o osso” também foram compostas, mas não chegaram a ser gravadas.

Após a gravação da demo, os rapazes ganharam mais notoriedade em Ouro Preto. Conseguiram tocar suas três músicas autorais no festival Canto Ouro Preto, em 2002, na famosa Casa da Ópera, atualmente Teatro Municipal de Ouro Preto – o teatro mais antigo em funcionamento da América Latina. O espaço rústico e elegante é um dos locais mais icônicos do município, tanto em termos da acústica do som como de conforto para o público presente. Apesar de o espaço fugir do padrão de lugar onde a banda costumava tocar, as apresentações não perderam sua essência, nem a originalidade. Além disso, a banda foi a única a representar o estilo *rock n'roll* naquele evento.

Nessa época, Alex já havia saído da guitarra e Zacca havia deixado o baixo para Arthur, migrando para a guitarra solo. Essa formação durou um longo tempo e, com ela, ocorreram várias apresentações na Praça Tiradentes, e também no “A Obra Bar”, um antigo lugar da capital Belo Horizonte adepto da contracultura e com espaço aberto para bandas independentes. O local já recebeu mais de 10 mil bandas desde a sua fundação e sempre exerceu forte influência sobre as bandas de garagem. Como diriam os jovens músicos roqueiros independentes da época, tocar no A Obra era um sonho realizado e a receita para o sucesso.

Entre 2003 e 2004, o baterista Eduardo havia entrado para a banda de *pop rock* Marakugina, que já fazia sucesso na cidade. Conseguiu até gravar um CD. No álbum, o Marakugina queria incluir a faixa Maldito 21 de abril, mas devido a desentendimentos entre os integrantes, os Cachorros Mortos não permitiram a utilização de sua música. Hoje em dia Bruno admite

que a banda foi equivocada na decisão e perdeu a oportunidade de divulgar sua música de protesto.

Os anos foram passando e outras mudanças ocorreram na formação. Muitos integrantes seguiram caminhos distintos, mergulhando em projetos paralelos e deixando a música em segundo plano. Durante a primeira metade dos anos 2000, mais precisamente em 2004, a banda contou com a entrada de Frank Wilsen na bateria, no lugar de Eduardo. Nessa época, realizou alguns shows locais como a apresentação na Festa da Barra e na mostra de Filosofia, no Centro de Convenções de Ouro Preto, chamada Mosca. A banda também se apresentou no festival de música em Itabirito. Com Frank, o grupo gravou um novo EP ao vivo, no estúdio em que ensaiavam na época, na Vila São José. Nessa época, o guitarrista Alex também saiu do grupo e foi substituído por Timbó, que, ao lado de Zacca na guitarra base, realizou cerca de três apresentações. Zacca, então, decidiu sair de vez da banda, após uma apresentação no terceiro Festival de Rock Independente de Itabirito, no dia 9 de dezembro de 2006. Antes do show, o baixista Arthur se perdeu na cidade e demorou para voltar. Os outros integrantes, preocupados com a aproximação da apresentação, colocaram o irmão de Edson Zacca, Renato, atual baterista da banda Seu Juvenal, para improvisar no baixo – ainda que ele não tivesse nenhum domínio do instrumento. Arthur voltou no último minuto e tocou, mas este episódio acabou se tornando o estopim para o fim da banda. Já era grande o desgaste entre os participantes.

A banda seguiria em atividade até 2007, com Timbó na guitarra. Neste mesmo ano, o vocalista Bruno Bastos, único integrante inalterado em todas as formações, optou pela banda Seu Juvenal, onde está até os dias atuais. Foi também o ano que

marcou o fim do grupo, após 14 anos de atividade, trocas de formação e, acima de tudo, muito *rock n'roll* e resistência na Região dos Inconfidentes.

Maldito 21 de abril:

Certo, eles nos cercaram

Eles pensam que dominaram a cidade

Certo, esmurraram nossas portas

Só que eles é que estão por fora

Das portas da percepção

È preciso abrir os olhos,

Pros heróis que te apresentam

È preciso abrir os olhos

Pro modo como te alienam

Sitiaram Ouro Preto!

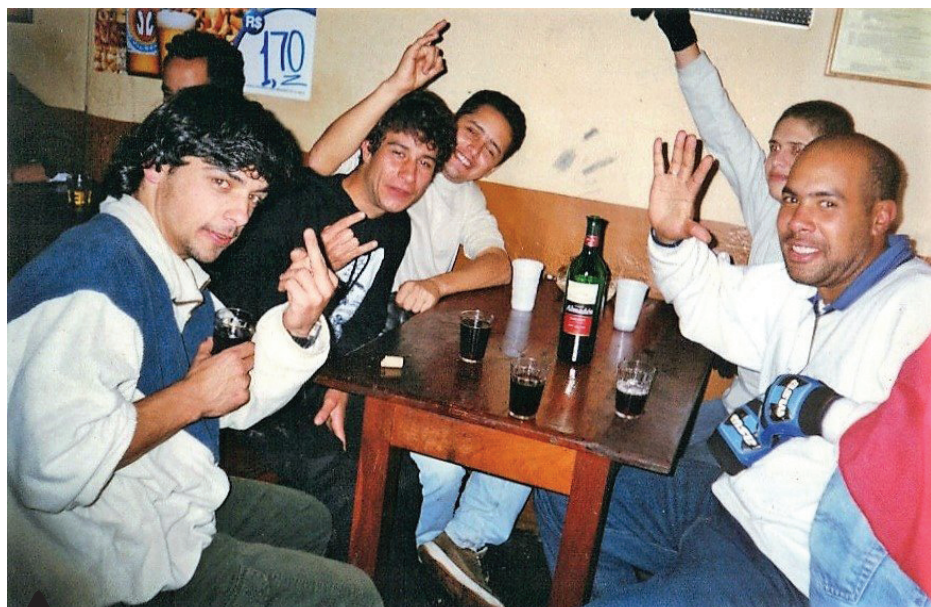
Pra comemorar a liberdade

Sitiaram Ouro Preto!

Maldito 21 de abril!



Banda A.S.R - Rock nas Lajes 2004



Bandas Prosh e Cachorros Mortos no bar Barroco - 2001



Cachorros Mortos no A Obra Bar em Belo Horizonte 2003



Dead Dogs - Praça Tiradentes 2001



Dead Dogs a caminho de BH para a gravação da sua primeira Demo - 2001



Dead Dogs no Clube Marianense 1995



Prosh e Cachorros Mortos no Barroco - 2001

Caem in Concert
 Apresenta
Dead Dog's
 e
APOCALIPSE

26 de Maio
Sexta-feira
CAEM
 1994

SATELITE
 Praia, Restaurant

MULTI DESIGN
 S. Paulo

POSTO SACRAMENTA
 Venha com novidade
 TEL: 651-2180

WILSON CALDEIRA
 Venha
 TEL: 651-2692

WINE SACRAMENTA REAL

Produção: TA Produções S. Comunicação
 Realização: CAEM / Chapa Concretização

Som e luz: Som 3001
 vídeo: Zoom Vídeo Produções

Flyer - Primeiro show do Dead Dogs 1994

Novo Milênio

A CENA PÓS ANOS 90

Ano 2000, aquele que marcou a virada do milênio e carregava consigo a profecia do fim dos tempos, chegou trazendo mudanças drásticas na conjuntura do rock nacional a partir da explosão de algumas bandas, a continuação do sucesso de bandas já influentes nos anos 90, e alguns eventos tristes para algumas. Foi marcado também pela explosão da internet e por maior facilidade na circulação musical – seja por meio das bandas independentes ou por aquelas que já haviam alcançado sucesso. A indústria da música nunca mais seria a mesma.

Mas vamos àquilo de que esse livro trata: a cidade de Ouro Preto. Os anos 90 foram marcados pelo surgimento de importantes bandas de rock independentes na cidade, como os *Dead Dogs*, *Prosh* e *A.S.R.*, que se mantiveram em atividade até quase a metade da primeira década do milênio (algumas até por mais tempo). A década também foi marcada por uma explosão de liberdade e pelo movimento *underground* criado pela casa de shows *Rá-Tá-Tá* no período de 1996 a 1997. Após esse tiro inicial, viu-se o grande crescimento da cena do rock independente na cidade.

Influenciados por estes grupos dos anos 90 e buscando se igualar àqueles que sempre assistiam nos shows e festivais na cidade, jovens da nova geração começaram a criar suas pró-

prias bandas. O movimento ganhou mais adeptos e o cenário continuou a se configurar.

Locais como a Travessa do Arieira, Clube Guarani, Clube XV de novembro e o espaço do atual Brumas Hostel abrigavam, com frequência, shows e festivais com bandas independentes. O tradicional bar Barroco também era um ponto de encontro entre os músicos e os adeptos do movimento do rock em geral, assim como o bar e pizzaria Satélite, localizado em frente ao Barroco, do outro lado da rua. Nestes dois bares, especificamente, o clima já era de *rock n roll*. Com a proximidade entre os dois locais, a Rua Direita (Rua Conde de Bobadela), ficava tomada por jovens, que transitavam entre os dois ambientes, bebendo, fumando, e planejando suas próximas aventuras de juventude. O cheiro da tradicional cachaça mineira permeava o ar, e alguns goles para espantar o frio eram garantia de diversão. Aliado a isso, o cheiro da famosa coxinha do Barroco dava ao ambiente aquele conforto de que caso a fome batesse, havia uma excelente opção para saciá-la. A já citada Travessa do Arieira era localizada na lateral do Satélite. O local consistia em um beco mal iluminado e escondido, permeado pelo odor de fritura vindo do bar. Era o local ideal para reuniões mais “discretas” e para àqueles que desejavam mais privacidade para curtir a noite. Na Travessa ocorreram apresentações de bandas locais desde os anos 90, marcadas por muita loucura e divergências com a polícia, em alguns casos.

Era ali que o contato acontecia para a criação de novas bandas, organização de festivais e reuniões para cobrar dos órgãos públicos mais investimentos naquele movimento, entre

outras ações. Tudo isso, é claro, regado a muita pinga com mel – bebida famosa e tradicional do Barroco.

Os primeiros cinco anos da década de 2000, especificamente, foram movimentados para a cena do rock. Era um movimento que atraía os jovens – e todos queriam participar, seja montando uma banda ou apenas frequentando os locais e apoiando a continuidade da cena independente local. Mesmo que fosse pouco, o apoio da Prefeitura acontecia. Em meados de 2003, por exemplo, foi instalada uma tenda na Praça Tiradentes, com um pequeno palco aberto para quem quisesse se inscrever com antecedência e tocar. Infelizmente, esse projeto, que poderia ter revelado muitas bandas locais de qualidade, durou apenas seis meses.

Vamos então, aos primeiros anos do milênio para falar de bandas locais que tiveram rápida ascensão naquela época e que, assim, tiveram a oportunidade de viver intensamente estes anos loucos.

EM BUSCA DE ESPAÇO

Foi no próprio ano 2000 que o garoto Cláudio Fragozo, então com 14 anos apenas, foi convidado por seu irmão mais velho para acompanhá-lo em um *Heavy Fest*, no CAEM (Centro Acadêmico da Escola de Minas) – um dos muitos eventos que, na época, eram organizados por Marquinhos de Paula. Estes festivais foram marcados por acontecimentos notórios da cena ouro-preta desde o seu início. Um exemplo é a primeira apresentação da banda *Dead Dogs* para o público. Não faltaram shows históricos e memórias. Ocorreram no atual espaço do Brumas Hostel,

na época apenas um local para eventos, e no CAEM. No segundo local a influência foi maior, já que a sua escuridão característica, a presença forte do público ouro-pretano e universitário - dividindo a festa -, e o seu espaço não muito grande, faziam com que tudo fosse mais intenso.

Só quem já foi a um festival de rock – ou mesmo a um show apenas, mas sentiu aquela sensação incrível de liberdade, de fuga do tempo e também a energia de todos os presentes ali, como se fossem um só – entenderão o que se passou com o jovem Cláudio naquele momento. Foi depois daquele festival que ele decidiu criar uma banda, mesmo sem saber tocar instrumento algum.

Sem condição de comprar um instrumento, ele começou a guardar algum dinheiro enquanto aprendia a tocar um violão que tinha em casa. Com o tempo, conseguiu comprar um baixo de segunda mão, “bem avacalhado”, como ele ressaltou em entrevista. Com o instrumento em mãos, não queria perder tempo e já recrutou colegas de escola, além de outros conhecidos, para formar uma banda. Surgiu então a M.N.T - abreviação de *Midnight Train*, que em português significa «Trem da Meia-noite”-, que seria o embrião da banda Covil, com a qual Cláudio sentiria, pouco mais tarde, a energia do movimento do rock em Ouro Preto.

Na formação inicial da então M.N.T, estavam Diego, o “papai”, no vocal, Fernando Antunes e Arthur Ludendorff nas guitarras, Rodrigo Ludendorff na bateria e Cláudio Fragozo no baixo. Diego, Rodrigo e Cláudio eram amigos de escola, enquanto

Fernando e Arthur eram primos de Diego. Mesmo não estudando junto com os demais, ambos foram recrutados por saberem tocar guitarra e por serem moradores da região - Mariana - já conhecidos pelos outros. Com essa formação, a banda passou a já ensaiar e fazer apresentações. A primeira foi em um festival de bandas no colégio Arquidiocesano. A partir daí, passaram também a marcar presença em pequenos eventos como os festivais de colégio e festas dos amigos em Ouro Preto e também na cidade vizinha, Mariana, onde moravam os integrantes da banda, com exceção de Cláudio e Diego. Nessas apresentações, tocavam apenas *covers* de grupos famosos, que se destacavam na mídia, como *Guns n' Roses* e *Aerosmith*.

Com o tempo, alguns dos integrantes passaram a se dedicar mais à banda e aos estudos dos instrumentos, sendo claro o desenvolvimento musical de Cláudio no baixo, de Diego na sua voz, e de Arthur na guitarra. Isso fez com que Cláudio, o fundador, chegasse à conclusão de que Fernando, que ocupava a função de segundo guitarrista, e Rodrigo, o baterista, não estavam no mesmo ritmo que os demais companheiros.

Paralelamente aos shows e pequenas apresentações, aconteceu o festival produzido no Largo Marília de Dirceu, no bairro Antônio Dias. Nele, a Covil deu seu pontapé inicial. Vale ressaltar que este bairro foi o berço de diversas bandas de rock ouro-pretanas da época. Os diversos casarões antigos eram dotados quase sempre de porões mal iluminados. Esses locais eram o espaço ideal de ensaio para bandas de garagem - discretos, escuros e com um bom espaço -. As ruas pequenas permeadas por ladeiras e pequenas ruelas mal iluminadas parecem formar

um grande labirinto, sendo muito fácil se perder por ali. No caso dos roqueiros, como se pode perceber, era fácil se encontrarem.

Voltando ao festival, os integrantes do M.N.T estavam presentes apenas para prestigiar os shows, e foi a apresentação da banda de Heavy Metal “Tower” que chamou a atenção de Cláudio. Todos os integrantes da banda possuíam grande talento, com destaque para o vocalista e o baterista– este último, em especial, chamava a atenção por ser apenas uma criança e por tocar com habilidade impressionante. Depois desse evento, Cláudio ficou amigo dos rapazes da banda, e, como uma coisa leva a outra, convidou o então guitarrista da Tower, André, a entrar para o seu grupo. Ao aceitar, André levou, junto, seu irmão mais novo, Marcos – o talentoso garotinho da bateria na Tower.

COVIL

E foi no final de 2002 que surgiu a Covil, após a entrada de André e Marcos, que ocuparam as funções de guitarrista e baterista respectivamente. A formação ficou então com Diego - “Papai” - no vocal, Fernando Antunes e André Carneiro nas guitarras, Marcos - “Cabaça”- na bateria e Cláudio Fragozo no baixo. Estava formada a banda. O nome foi ideia também de Cláudio, que se mantinha à frente nas decisões. Ele se inspirou no local dos ensaios, o porão da casa de André e Marcos, no bairro Antônio Dias. Assim como os clássicos porões do Centro Histórico de Ouro Preto, o lugar apresentava aquela atmosfera sombria e fechada, lembrando literalmente um covil. Esse mesmo recinto seria também local de ensaio da Desh, outra influente banda

independente ouro-pretana, que dividiria o local com a Covil anos mais tarde.

Com a nova formação, e novo gás dos integrantes – que acumulavam experiência no cenário do município, além de talento com os instrumentos – a banda deslanchou rapidamente. Com ensaios regulares, em pouco tempo o grupo já estava se apresentando em diversos festivais ao lado de bandas locais, e também de fora, além de eventos especiais, como as celebrações pelo aniversário de Mariana, ocorrido no ano de 2003, e também no tradicional Festival de Inverno de Ouro Preto.

Junto a todo esse processo, houve também uma mudança sonora. O som mais leve do início, mais voltado para o Hard Rock e Rock Clássico, deu lugar a um som mais pesado, com mais influências do Heavy Metal, ao estilo de bandas como a lendária Iron Maiden. As composições próprias também passaram a fazer parte do repertório, dividindo lugar com os *covers* – pois, para uma banda independente, que buscava reconhecimento, era muito difícil conseguir locais para se apresentar só com músicas próprias.

Cláudio era o único compositor das faixas e sua preferência era por *riffs* mais diretos, com certa influência do Rage Against The Machine, banda norte-americana com grande influência sobre os grupos nos anos 2000. O movimento do New Metal – mais pesado, mais grave e com afinação em tons bastante baixos – também foi uma influência nas composições. Esse aspecto fez com que a banda não tivesse uma linha muito definida, optando por buscar um meio termo entre os estilos mais

influentes da época e, claro, o gosto pessoal do compositor. No entanto, houve resistência por parte dos demais integrantes da banda – o que fez com que as composições próprias não fossem tão valorizadas.

A banda seguiu fazendo shows na região e se aprimorando, até que no final de 2004 um acontecimento mudou o rumo das coisas. A banda Desh, já influente no cenário independente da região, tanto em termos musicais como em termos de reconhecimento, ficou sem baterista e sem guitarrista devido a divergências de opinião quanto a sonoridade da banda. Foi então que, da mesma forma que Cláudio havia recrutado André e Marcos tempos atrás, a Desh os convidou para integrar seu time, e eles prontamente aceitaram. Com mais maturidade, e com material autoral bem desenvolvido, a Desh se tornou a prioridade de André e Marcos, que, mesmo atuando em duas bandas ao mesmo tempo, dedicavam-se especialmente à Desh. Esse fato se deu ao final de 2004 e, logo depois, veio a gravação do CD da Desh, aumentando ainda mais sua influência em Ouro Preto.

Foi também no final de 2004 que o vocalista Diego se mudou de cidade, deixando a Covil. Começou, então, a busca por um novo vocalista. Cláudio se lembrou de uma excelente voz que havia escutado dois anos atrás, durante uma apresentação da antiga banda de André e Marcos, Tower. Convenceu os dois amigos a fazer contato com o John Perucci, o vocalista. Com eles vocais, atingiram outro nível de maturidade e igualdade. Além da voz potente, John tinha forte presença de palco

O ano de 2005 foi o mais marcante para banda em termos

de números de apresentações, fazendo com que o trânsito entre Ouro Preto e Mariana se tornasse constante – principalmente devido ao fato de que, na época, o Secretário de Cultura de Mariana havia visto um show da Covil e gostado – o que fez com que a banda sempre fosse chamada para tocar na cidade. Foi lá que tiveram a oportunidade de abrir o show para a banda Charlie Brown Jr., uma das mais influentes do Brasil na época. O show se deu no aniversário do município. Foi lá também que abriram o show para banda paulistana Tijuana, que já havia alcançado certo sucesso. Receberam, inclusive, elogios por parte do baterista do grupo.

Em Ouro Preto as apresentações também aconteciam em festivais e repúblicas estudantis. O destaque nas repúblicas desta fase foi o festival de Heavy Metal na República Rebu, o “Rebu Metal”. Houve também aquele que é considerado, por Cláudio, o melhor show da banda: a apresentação durante o Festival de Inverno de Ouro Preto daquele ano, no estacionamento do Centro de Convenções. Receberam muitos elogios por esse show, tanto de outros músicos como pelo público.

Com o passar do tempo, o velho desejo de Cláudio de levar as coisas para um lado mais autoral veio novamente à tona, mas, novamente, esbarrou na resistência de boa parte dos integrantes. Isso o levou a criar um projeto paralelo com o guitarrista Fernando e o vocalista John, que compartilhavam das suas intenções. O novo projeto recebeu o nome de Black Jack, mas não vingou, tendo realizado apenas uma apresentação. A Covil continuou realizando shows, mas Cláudio – desanimado depois desse episódio, e ocupado com a faculdade que cursava – aca-

bou deixando a banda no ano de 2006, logo após o glorioso ano de 2005.

A Covil se manteve na ativa durante quatro anos, e foi uma das muitas bandas que mantiveram acesa a chama do rock na cidade. Por isso foi eternizada. A Covil marcou época na geração do rock ouro-pretano do início dos anos 2000 e na trajetória de todos os seus integrantes.

DESH E O C.O.M.A

Já se falou aqui da Desh. Surgida no final dos anos 90, alcançou o sonho de todas as bandas independentes da região com o lançamento do álbum C.O.M.A, em 2005. Foi um dos destaques do novo milênio.

Mesmo que seu surgimento remonte à metade dos anos 90, seu reconhecimento como banda independente autoral se deu nos 2000. Por sua influência e presença no movimento do rock em Ouro Preto, um breve relato da sua história é mais que válido e pertinente – até porque sua história se cruza, em um dado momento, com a trajetória da Covil, como já se viu aqui.

Nos idos dos anos 90, Rodrigo Reis, então um adolescente, estava empolgado com as recém-iniciadas aulas de violão. Junto com um amigo, Adriano Guido, que fazia aulas de bateria, resolveu fazer um som no bairro Antônio Dias – berço de muitas bandas independentes da época naquela região, como já foi falado. Os garotos passaram um tempo treinando juntos, ainda que sem um número suficiente de pessoas para compor a ban-

da. Mas isso mudou quando outra banda conhecida, que tinha três integrantes – um baixista, um baterista e um guitarrista – perdeu seu percussionista, que havia quebrado o pé logo antes de uma apresentação na escola. As bandas se uniram, então, e isso se transformou em um embrião da futura Desh. O grupo tinha Rodrigo, o “Lambari”, e Chiquinho nas guitarras – dividindo os vocais com o baixista Daniel Pena, o “Danica”, e Adriano na bateria.

No dia desta apresentação na escola, usaram o nome provisório de Blackout, já que ainda não haviam acordado um nome definitivo para o grupo. Durante um bom tempo a banda se manteve assim, realizando poucas apresentações e ensaiando na casa de Adriano, também no bairro Antônio Dias. Mais tarde, os ensaios passaram a ser realizados na casa de Chiquinho, no distrito de Passagem de Mariana. Localizado praticamente na metade do caminho entre os municípios de Ouro Preto e Mariana, é famoso pela Mina da Passagem. Essa antiga mina de ouro desativada atrai muitos turistas para a região, por ser uma das únicas minas abertas a visita no mundo. Ensaiando no local e com um repertório apenas de *covers*, mais voltado para o lado do grunge, o grupo tinha como influência *Pearl Jam*, *Nirvana* e *Alice in Chains*, grandes nomes dos anos 90.

O nome da banda surgiu pouco tempo depois, quando o guitarrista e vocalista Chiquinho visitava alguns familiares na cidade de Uberlândia, no Triângulo Mineiro. Durante essa visita, recebeu uma sugestão de nome: “Larica Dash”. De volta a Ouro Preto, em reunião com a banda, apresentou a ideia. A reação de todos os integrantes foi a mesma: Larica Dash não – mas Dash,

sim, seria um bom nome. E ficou assim: Dash, com A, o que viria a mudar algum tempo depois, com a troca do “a” pelo “e”.

Com o tempo, estabeleceram um bom repertório de covers e passaram também a compor músicas próprias, produzidas principalmente por Rodrigo. Houve também, nesse período, algumas mudanças na formação do grupo. Com a saída do baixista Daniel, entra Guilherme Balbi, que ficaria pouco tempo na formação, sendo substituído por Wellington. Chiquinho também acabou deixando o grupo mais tarde, devido a divergências sobre o estilo a ser seguido. Ansiava por um som mais voltado para o New Metal e outros gêneros mais pesados – ao invés daquele mais voltado para o grunge e para o rock clássico, que marcava a “Dash”, ainda com “a”. No seu lugar, então, entrou Tuca, que permaneceu no grupo durante um bom tempo. Foi nessa época que se decidiu pela mudança na grafia do nome da banda: de “Dash” para “Desh”. Como as composições eram todas em português – e os significados da palavra inglesa “Dash” variavam entre “traço” e “travessão”, definições que nada tinham a ver com a ideia do grupo – os membros chegaram a um consenso: mudar apenas uma letra, para manter a identidade e fugir dos significados em inglês. Além disso, Rodrigo havia descoberto que já existia outra banda com o nome “Dash” no Rio de Janeiro, ao ver uma foto do lendário vocalista do Nirvana, Kurt Cobain, segurando um disco desta banda quando veio ao Brasil.

As estradas percorridas pela Covil e pela Desh convergem para um mesmo ponto muito em função das frequentes mudanças de formação dos grupos, algo muito comum entre as bandas de garagem ouro-pretanas. Em certo ponto o baterista

Adriano e o guitarrista Tuca saíram da Desh e foram substituídos pelos então integrantes da Covil, o baterista Marcos e seu irmão, o guitarrista André. Com a entrada dos dois, voltaram a ensaiar no Antônio Dias, na casa deles. Nesse momento, o grupo deu um salto de qualidade, absorvendo as novas influências de Metal que ambos trouxeram e passando a tocar músicas mais elaboradas.

2005 foi o ano em que o tão sonhado disco saiu do papel. Foi gravado totalmente de forma independente, com a ajuda de amigos e com o dinheiro arrecadado pelos integrantes a partir da venda de camisetas lisas que tiveram o logo e o nome da banda inseridos. O disco C.O.M.A. é composto por dez faixas totalmente autorais, compostas, em sua maioria, por Rodrigo. Apenas a nona faixa, intitulada “Peças Humanas”, foi composta por Wellington.

As músicas que o compõem são de diversas fases da banda – o que permite um acompanhamento da evolução sonora e do amadurecimento das letras ao longo do tempo, sempre no estilo grunge. As primeiras faixas foram compostas em um período que marca o início da banda. As últimas foram produzidas mais tarde e são mais pesadas, com letras mais complexas. A primeira faixa, por exemplo – intitulada “Lembranças” –, foi composta por Rodrigo logo no início da formação do grupo e é uma homenagem a um tio que havia falecido. Tanto o instrumental quanto a letra apresentam doses carregadas de melancolia e evocam a saudade de um ente querido que se foi. Já a penúltima faixa, “Peças Humanas”, aquela composta por Wellington, é mais pesada e traz na letra uma revolta contra a sociedade e

suas guerras. Conta, inclusive, com um minuto de silêncio no final, em homenagem às vítimas das guerras que assolam a humanidade.

Depois do lançamento do disco, a banda seguiu carreira com a mesma formação, realizando shows locais, como as apresentações na Praça Tiradentes, nas edições de cada Festival de Inverno, nos famosos Heavy Fests, no CAEM, e em cidades próximas, como Mariana e Itabirito. Foi assim até o ano de 2007, quando Rodrigo saiu de Ouro Preto para cursar um mestrado em Uberlândia. Foi quando a Desh chegou ao fim. Aliado a isso, a cena do rock em Ouro Preto mudou e entrou em declínio. Aqueles que antes fortaleciam o movimento – a geração do final dos anos 90 e do início dos 2000 – começaram a seguir caminhos distintos. Mudaram-se de cidade ou simplesmente assumiram outras responsabilidades, com o avanço da idade.

A diferença da Desh em relação a outras bandas é que eles deixaram uma coisa física eternizada, o disco C.O.M.A. Em uma época de grandes dificuldades e desafios para encarar a gravação de um CD, a banda apostou no trabalho autoral e conseguiu atingir seu objetivo. É interessante pensar também que, depois da metade dos anos 2000, as novas gerações ouro-pretanas pareciam não fazer tanta questão de montar bandas, nem de dar mais gás ao movimento do rock, como antes. A preferência das bandas atuais por muitos covers, muitas vezes repetitivos, talvez também seja uma das razões dessa rápida queda. Outra razão pode estar na preferência das atuais repúblicas estudantis por outro tipo de música que não o rock.

Hoje é possível observar, vez ou outra, pequenas chamas do que foi o movimento em Ouro Preto. Mesmo carente de locais para festivais e shows, e com um público reduzido de adeptos do rock, ainda se pode encontrar um pouco do que foram aqueles anos dourados. O Rock Generator, por exemplo, é um movimento de resgate do rock em Ouro Preto. Trata-se de um coletivo que organiza eventos com bandas covers e autorais, muitas vezes abertos ao público. Na prática, o coletivo tenta manter viva a chama do rock na cidade. Além disso, alguns festivais em algumas Repúblicas, bem como alguns eventos isolados, podem ser encontrados esporadicamente. Mas a carência de bandas locais em relação ao que já existiu na cidade ainda é um problema.

Ouro Preto passou por muitas mudanças, e parece que a maneira de se conceber o rock na cidade foi uma delas. No entanto, a cidade ainda carrega grande potencial para esse tipo de movimento. Basta que as pessoas façam as coisas acontecerem, de maneira que as bandas locais possam voltar e devolver o rock ao lugar. Para aquelas que tiveram a oportunidade de vivenciar o “boom” do movimento, resta a saudade, a nostalgia e as memórias dos dias em que um movimento e um gênero musical uniu tantas pessoas, criou amizades, e rendeu histórias que continuarão resistindo à força do tempo.



Apresentação da banda Covil



Apresentação da Banda Dësh



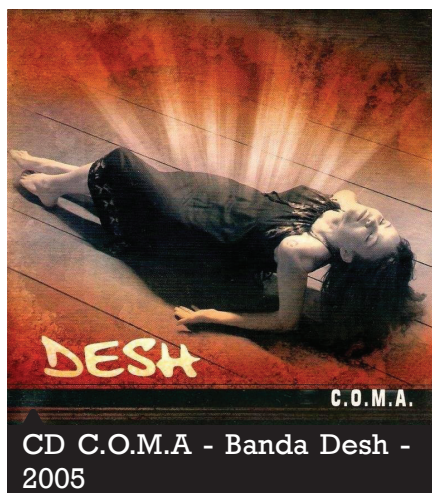
Banda Covil - 2003



Banda Desh apresentação no antigo espaço do atual Brumas Hostel anos 90



Banda Desh



CD C.O.M.A - Banda Desh - 2005



Símbolo Covil

